



COLÉGIO MÃE DE DEUS

PROJETO PRODUÇÃO E APRESENTAÇÕES CIENTÍFICAS

SIMÕES LOPES NETO

NOME: Paola Bragagnolo Pereira.

NÚMERO: 33.

TURMA: 302.

SÉRIE: 3ª série.

DISCIPLINA: Oficina de redação.

PROFESSORA: Clarice.

DATA: 08/5/2009.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
LITERATURA DE SIMÕES LOPES NETO	4
RESUMO E COMENTÁRIO SOBRE TRÊS CONTOS	4
Trezentas Onças	4
O Boi Velho	6
No Manantial	7
MOMENTO HISTÓRICO DA OBRA	8
ASPECTOS GEOGRÁFICOS DO RIO GRANDE DO SUL	9
LINGUAGEM EMPREGADA NO CONTO QUINHENTAS ONÇAS E SIGNIFICADOS	9
POESIA SIMONIANA	10
MÚSICAS REGIONALISTAS	10
RESULTADOS E CONCLUSÕES / RECOMENDAÇÕES	10
REFERÊNCIAS	12

INTRODUÇÃO

Na aula do dia 22/4/2009, foi apresentada a vida do autor João Simões Lopes Neto e alguns de seus contos da obra “Contos Gauchescos”, como, por exemplo, “Trezentas Onças”, “No Manantial”, “O Boi Velho”, “Melancia – Coco Verde”, dentre outros. Foi tratada paralelamente a isso a riqueza da linguagem do povo gaúcho e também os significados destas. Nessa aula, também foram falados os aspectos geográficos do Rio Grande do Sul e sua história, principalmente na época em que o livro foi produzido. Como desfecho desse dia, uma poesia gaudéria foi recitada e uma música gauchesca foi cantada.

Neste trabalho, serão mostradas todas essas características em forma de um artigo científico. Será explicado cada um dos itens listados no parágrafo anterior, com ênfase no conto estudado mais sucintamente por meu grupo, que é “Quinhentas Onças”, no aspecto “Linguagem empregada no conto quinhentas onças”. Mesmo tendo enfoque em apenas um conto antes de ser mostrado na aula de quarta-feira à noite, será apresentado aqui o material de pesquisa de outros grupos também, intensificando, assim, o conhecimento sobre os contos.

LITERATURA DE SIMÕES LOPES NETO

Sua literatura ultrapassou as fronteiras do Rio Grande do Sul e do Brasil e hoje pertence à literatura universal, tendo sido traduzido para diversas línguas. Simões Lopes Neto só alcançou a glória literária postumamente, em especial após o lançamento da edição crítica de Contos Gauchescos e Lendas do Sul, em 1949, organizada para a Editora Globo, por Augusto Meyer e com o decisivo apoio do editor Henrique Bertaso e de Érico Veríssimo.

O livro Lendas do Sul foi a primeira obra literária no idioma português a ser publicada na rede mundial de computadores pelo aclamado Projeto Gutenberg, um empreendimento sem fins lucrativos empenhado em disseminar grandes clássicos da literatura gratuitamente (ou a preços nominais) ao grande público. Atualmente (em 2006), Gutenberg conta com mais de dezessete mil títulos já disponíveis online, obras que podem ser lidas em tela (ecrã) ou mesmo descarregadas individualmente.

O total de obras de Simões Lopes Neto foram quatro. São elas: Cancioneiro Guasca (1910), Contos Gauchescos (1912), Lendas do Sul (1913) e Casos do Romualdo (1914).

RESUMO E COMENTÁRIO SOBRE TRÊS CONTOS

Aqui o resumo de três contos que, particularmente, foram os mais interessantes, e um breve comentário ao final da história.

Trezentas Onças

O narrador Blau Nunes conta que, certa vez, viajando sozinho a cavalo, acompanhado apenas de seu cachorro, levava na guaiaca trezentas onças de ouro, destinadas a pagar um gado que compraria para seu patrão. Um certo ponto da viagem, pára para sestar num passo, onde, depois de uma boa soneca, vai refrescar-se com alguns mergulhos na água fresca.

Tornando a vestir-se e a encilhar o zaino, parte em direção à estância da Coronilha, onde devia pousar. Logo que sai a trotar pela estrada, o gaúcho nota que seu cachorro estava inquieto, latindo muito e voltando sobre o rastro, como

se quisesse chamar seu dono para o pasto outra vez. Mas Blau Nunes segue seu caminho até chegar à estância da Coronilha. Lá chegando, ao apejar do cavalo e cumprimentar o dono da casa, nota que não estava com sua guaiaca. Anuncia que perdera trezentas onças do patrão e, preocupadíssimo, monta o cavalo outra vez para voltar ao lugar onde teria deixado a guaiaca.

Depois de nova cavalgada, sempre acompanhado do fiel cãozinho, Blau Nunes chega ao passo, já de noite, e não mais encontra a guaiaca no lugar onde tinha certeza de que havia colocado quando se despira para o banho. Desespera-se tanto por imaginar que seu patrão o consideraria um desonesto, que pensa em suicidar-se. Chega a engatinhar o revólver e colocá-lo no ouvido, mas o cusco lambendo-lhe as mãos, o relincho de seu cavalo, o brilho das Três Marias, o canto de um grilo, tudo lhe invoca a presença e a força divina, que o demove daquele ato transloucado.

Assim, o gaúcho reequilibra-se e decide que venderá todos os seus bens e dará um jeito de pagar ao patrão o prejuízo da perda das trezentas onças. E volta para a pousada na estância da Coronilha. É então que tem uma feliz surpresa: sobre a mesa da sala do estanceiro, ao lado da chaleira com que se servia a água do mate, estava a sua guaiaca 'empanzinada de onças de ouro'. Uma comitiva de tropeiros, que chegava à estância no momento em que ele voltava ao passo de sesteada, havia encontrado a guaiaca e a trouxera intacta. E esta foi a saudação que ele recebeu quando entrou na sala: '-Louvado seja Jesus Cristo, patrício! Boa noite! Entonces, que tal le foi de susto?'

* Blau Nunes, que além de narrador (em 1ª pessoa) também é personagem do conto, é um vaqueano, tanto nas condições sociais como na honestidade, e os tropeiros que acharam e devolveram a sua guaiaca com as trezentas onças também é mostrado a honestidade do povo gaúcho, pelo menos na época.

Nos próximos dois resumos de conto, será observadas as seguintes características: Os principais relatos do autor pelotense são aqueles denominados "contos de sangue e paixão". Apesar de todos estes contos documentarem os costumes e as singularidades da região pastoril, há neles uma ciranda tão cega e intensa de sentimentos elementares que o puramente regional é ultrapassado por algo maior: o homem universal, com sua cegueira e seus desatinos.

A maldade dos estancieiros, em "O boi velho", o ódio e a vingança ilimitada, em "No manantial" são exemplos de relatos em que paixões humanas, instintivas e profundas, corrompem a ordem natural e lançam os seres no desconcerto e no aniquilamento.

O Boi Velho

Este belíssimo conto de Simões Lopes Neto inicia com a seguinte opinião de Blau Nunes sobre o homem: "Chê-pucha!... é bicho mau, o homem!" E é fácil entender o porquê de tal afirmação após ouvir a história que Blau conta.

Ele narra uma história da qual foi testemunha, quando presenciou a trajetória da família Silva. Esta família tinha uma junta de bois que praticamente eram da família, Cabiúna e Dourado. Os dois eram tão prestativos à família que quando iam para os banhos, somente "se gritava pelo carretão, já os bois, havia muito tempo que estavam enconstados no cabeçalho, remoendo muito sossegados, esperando que qualquer peão os ajoujasse", como se gostassem do trabalho de carregar a família para o banho, num ato de retribuição ao carinho recebido.

"Assim correram anos, sempre nesse mesmo serviço. (...) Às vezes, um que outro dia mais quente, eles apareciam ali por perto, como indagando se havia calor bastante para a gente banhar-se."

Com o passar dos tempos, "aquelas crianças se tornaram moças e homens feitos, foram-se casando", mas um dia o boi Dourado amanheceu morto, "mui inchado e duro; tinha sido picado de cobra. Ficou pois solito, o Cabiúna; como era mui companheiro do outro, ali por perto dele andou uns dias pastando, deitando-se, remoendo. (...) o boi velho berrava de saudades do companheiro e chamava-o, como no outro tempo, para pastarem juntos."

Vendo que a junta estava desmanchada, a família providenciou uma nova parrelha de bois, e "o boi velho por ali foi ficando. Porém começou a emagrecer... e tal e qual como uma pessoa penarosa, que gosta de estar sozinha."

A família, sabendo que o boi acabaria morrendo, decide, então, matar o boi para aproveitar pelo menos o couro do animal. Para tanto, um peão "puxou da faca e dum golpe enterrou-a até o cabo, no sangradouro do boi manso; quando retirou a mão, já veio nela a golfada espumante do sangue do coração. (...) O boi velho sentindo-se ferido, doendo o talho (...) deu uns passos mais, encostou o

corpo ao comprido no cabeçalho do carretão, e meteu a cabeça, certinho, no lugar da canga, entre os dois canzís... e ficou arrumado, esperando que o peão fechasse a brocha e lhe passasse a regeira na orelha branca... E ajoelhou... E caiu... E morreu...”

O último comentário de Blau Nunes não podia ser outro: “Veja vancê, que desgraçados; tão ricos... e por um mixe couro de boi velho!... Chê-pucha!... é mesmo bicho mau, o homem!”

No Manantial

Narração em 3ª pessoa. Na tapera do Mariano há um manantial. Bem no meio dele, uma roseira, plantada por um defunto, e gente vivente não apanha flores por ser mau agouro.

Carreiros que ali perto acamparam viram duas almas: uma chorava, suspirando; outra, soltava barbaridades. O lugar ficou mal-assombrado.

Com Mariano morava a filha Maria Altina, duas velhas, a avó da menina e a tia-avó, e a negra Tanásia.

Tudo em paz e harmonia.

Certa vez foram a um terço na casa do brigadeiro Machado. Maria Altina encontrou o furriel André, e os dois se apaixonaram [conchavo entre o pai e o brigadeiro]. André lhe deu uma rosa vermelha. Em casa, ela plantou o cabo da rosa e a roseira cresceu e floresceu. Surgiu o trato do casamento...o enxoval...

Chicão, filho de Chico Triste, andava enrabichado pela Maria Altina, que não se interessava por ele e tinha-lhe medo.

Na casa de Chico Triste houve um batizado. O pai e a tia-avó foram ajudar. Chicão aproveitou-se, foi à casa do Mariano, matou a avó e quis pegar à força Maria Altina.

Esta, vendo a avó morta, pegou o cavalo e saiu às disparadas, entrando no manantial. Chicão atrás. Ela some e só fica a rosa do chapéu boiando.

Mãe Tanásia, que se escondera e vira tudo, vai à procura de Mariano.

Nesse meio-tempo chegaram a casa os campeiros para comer. Viram a velha morta. Uns ficaram, e outros foram avisar Mariano e procurar Maria Altina....

Mariano apavorou-se, pensando que a filha fugira com o Chicão. Nisso chegou a mãe Tanásia e conta o sucedido. Todos vão ao manantial e encontram Chicão atolado, boiando. Mariano atira e acerta Chicão. O padre que ali está,

coloca a cruz na boca da arma e pede que não atire mais. Mariano entra no lamaçal, luta com Chicão e os dois afundam e morrem.

A avó foi enterrada também na encosta do manancial. Uma cruz foi benzida e cravada no solo pelos quatro defuntos.

Mãe Tanásia e a tia-avó foram por caridade, morar na casa do brigadeiro Machado.

E como lembrança do macabro acontecimento, ficou, sobre o lodo, ali no manancial, uma roseira baguala, roseira que nasceu do talo da rosa que ficou boiando no lodaçal no dia daquele cardume de estropícios.

MOMENTO HISTÓRICO DA OBRA

Há no tom narrativo de Blau certa neutralidade, destruída aqui e ali pela saudade dos antigos tempos e por certo moralismo de origem cristã. Porém a sua nostalgia vincula-se a uma época na qual o gado ainda xucro era campeado - conforme o relato "Correr equada" - e os peões tinham direito a sua tropilha nova, fato que não se repetiria numa sociedade cada vez mais dividida entre fazendeiros e trabalhadores.

Por outro lado, a significação moral das histórias exige-se sobre um sentimento de relativo desconforto no narrador com a violência imperante no território gaúcho: a destruição do boi em serventia ("O boi velho"), a carnificina guerreira ("O anjo da vitória") etc.

Ainda que um esforço documental presida a obra, o registro dos costumes nunca é gratuito. Liga-se à ação dos contos e a psicologia simples dos indivíduos. Em três ou quatro narrativas, contudo, o valor do documento é superado por uma legítima sensibilidade artística: "Trezentas onças", "O contrabandista" e "O boi velho" transcendem à condição de espelho da região, atingindo a chamada universalidade das grandes produções literárias.

ASPECTOS GEOGRÁFICOS DO RIO GRANDE DO SUL

O Rio Grande do Sul é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Localizado na Região Sul, possui como limites o estado de Santa Catarina ao norte, o oceano Atlântico ao leste, o Uruguai ao sul, e a Argentina a oeste.

Sua capital é o município de Porto Alegre, e outras importantes cidades são: Caxias do Sul, Pelotas, Canoas, Santa Maria e Rio Grande.

É o estado mais meridional do país, conta com o quarto maior PIB - superado apenas por São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, o quinto mais populoso e o quinto índice de desenvolvimento humano (IDH) mais elevado.

LINGUAGEM EMPREGADA NO CONTO QUINHENTAS ONÇAS E SIGNIFICADOS

- Pajonal: campo alagado, banhado extenso; pantanal;
- Lusco-fusco: algo não muito claro;
- Apeei-me: me desci do cavalo;
- Encarapitado: Amontoado, superposto, trepado;
- Resselana: soalheira, sol muito forte;
- Manga de pedras: temporal de granizo;
- Guaipeca: cachorrinho;
- Acoquine: intimidar;
- Balandrau: poncho rústico, semelhante ao poncho-pala;
- Abombado: cansado;
- Despacito: devagar;
- Cusco: cachorro;
- Polvadeira rasteira: nuvem de pó, grande quantidade de poeira rasteira;
- Guaiaca: cinto de couro com vários bolsos;
- Capincho: O macho da capivara. Filhote de capivara. Comedor de Capim;

POESIA SIMONIANA

Encontra-se, em 1910, no *Cancioneiro guasca*, que é uma tentativa de transcrição e codificação do acervo poético de origem popular. Acumulado, ao longo do tempo, pela tradição coletiva, foi transmitido quase sempre pela oralidade anônima e, por isso mesmo, achava-se disperso. O esforço simoniano foi justamente o de sistematizar esta herança, registrando-a no conjunto do livro, e para isso dividiu a matéria reunida em dez subgêneros: Antigas danças, Quadras, Poemetos, Poesias, Trovas cantadas ao som do Hino Farrapo, Poesias históricas, Desafios, Dizeres, Diversas e Modernas.

MÚSICAS REGIONALISTAS

Alguns exemplos de músicas gaudérias:

- A primeira vez;
- Adeus Mariana;
- Balaio;
- Balseiros do Rio Uruguai;
- Boi Barroso;
- Céu, Sol. Sul;
- Terra e Cor;
- Colorada;
- Coração de Luto;
- Guri; Horizontes;

RESULTADOS E CONCLUSÕES / RECOMENDAÇÕES

Com este trabalho, foi possível aprofundar muito os conhecimentos sobre o autor João Simões Lopes Neto e saber um pouco mais sobre o Rio Grande do

Sul. Os aspectos que foram apresentados, como a geografia rio-grandense, história, linguagem e tradições são muito ricos. A quantidade de informações e de cultura que o nosso povo e a nossa região possui é incrivelmente interessante.

Portanto, foi muito produtivo a aula do dia 22/4, com grande quantidade e qualidade de informações. A riqueza que o povo gaúcho e o território nos trazem é muito grande. Entretanto, particularmente, o mais produtivo da aula realmente foram os contos, nos quais vimos o talento de Simões Lopes Neto de levar para uma história fictícia tantas características do gaúcho daquela época e, de certa maneira, de ainda alguns rio-grandenses de hoje em dia, como a honestidade.

As recomendações que tenho a fazer da aula é que ela foi muito cansativa por ter muito tempo de leitura. Por conta disso, houve muita conversa. Então acredito que a solução é intercalar, entre as leituras, diálogos e participações mais ativas de professor e aluno.

REFERÊNCIAS

- <http://www.algosobre.com.br/resumos-literarios/contos-gauchescos.html>
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Grande_do_Sul
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Sim%C3%B5es_Lopes_Neto
- <http://www.paginadogaicho.com.br/escr/lopesneto.htm>
- <http://www.paginadogaicho.com.br/old/0001/index.htm>
- http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/analises_completas/c/contos_gauchescos
- <http://www.pvsinos.com.br/interna.asp?link=resumo&id=45>